

Dora Kramer*

A polarização ainda navega no mar das incertezas

Não há hoje no horizonte razões substantivas para se temer pela continuidade da vigência do regime democrático no Brasil, ao menos no que concerne às candidaturas presidenciais já apresentadas.

O presidente Luiz Inácio da Silva (PT) faz jus ao histórico de respeito à legalidade em derrotas anteriores quando diz que, se perder, nada lhe cabe a não ser aceitar o resultado. O principal oponente, Flávio Bolsonaro (PL), sinaliza só aceitar como legítima a vitória, mas a prisão do pai confere ao discurso o tom de bravata desprovida de lastro na realidade.

Portanto, a defesa da democracia é bandeira eleitoral com prazo de validade vencido. Se quiserem conquistar os votos determinantes dos indecisos/independentes -algo na casa do 30% do eleitorado-, vão precisar combater no campo do atendimento às demandas daqueles desprovidos de emoções ideológicas.

Esse pessoal já sabe como Lula governa, mas não faz a mais pálida ideia de como Flávio Bolsonaro pretende governar. A referência da gestão do pai é negativa e a tentativa do filho de imprimir colorido moderado às con-

vicções da família esbarra nas convicções do clã sobre a maneira de conduzir o país. Flávio negará Jair? Difícil de acontecer.

Acrescente-se o fato de nenhum dos dois exibir credenciais de estadista. O primogênito do ex-presidente precisa se mostrar em pele diferente. O figurino em tom pastel convencerá os moderados a aderir e os extremados a entendê-la como truque de ocasião?

Da parte do petista, a despeito de juízo de mérito, a vocação para a liderança é inequívoca. As dúvidas que ficam dizem respeito à motivação do eleitorado para mais uma vez confiar na teoria da frente ampla, impulsionada na campanha de 2022 e abandonada na Presidência, além da credibilidade de um programa de governo envelhecido.

Temos, portanto, um problema de credibilidade a assombrar as candidaturas favoritas. O fantasma se materializa nos 62% do eleitorado que ainda não manifestam de modo espontâneo a opção do voto.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo Cesar de Oliveira*

A radicalização é um perigo para todos os lados

Vamos trilhando caminhos perigosos. A radicalização política é um perigo para todos e ganha força a cada dia. Internamente sentimos o aumento da temperatura política na medida em que as eleições se aproximam. Uma radicalização que parte principalmente da chamada direita pois a outra ponta, a esquerda, visivelmente perdeu força e capacidade de se organizar. A direita, ao contrário, se encorpou internamente e ganhou estímulo com o apoio externo, que tem nome e sobrenome: Donald Trump. E Lula, que há pouco tempo andou pisando em cristais para evitar embates com o presidente americano começa a dar mostras de preocupações com o apoio de Trump à direita brasileira.

Depois de um período de cautela, como na época do "tarifaço", quando evitou atritos com o presidente americano, cuja vai agora tornando mais frequentes e duras suas críticas a Trump numa atitude para evitar o "assanhamento" da direita brasileira. Em encontro pela defesa da democracia na semana passada, na Espanha, o presidente foi contundente em sua fala e acusou Trump de ameaçar a paz mundial. "O Trump não tem o direito de acordar de manhã, achar que pode ameaçar um país. Não tem direito. Ele não foi eleito para isso. O mundo não lhe dá direito disso. A Constituição Americana não garante isso e muito menos a carta da ONU", disse Lula. A fala do presidente busca conter a interferência do americano em questões internas de outros países, inclusive no Brasil, com o apoio de políticos da direita que fazem questão de alardear acesso fácil a Trump.

Para muitos, a fala de Lula, em ataque frontal ao presidente americano, sinaliza que Trump começa a perder sua força política, embora lhe restem as armas. Os sinais de que isto pode mesmo estar ocorrendo ficaram evidentes neste final de semana com o surgimento de denúncias na imprensa americana sobre o enriquecimento da família Trump durante os primeiros meses do segundo mandato do presidente. O patrimônio da família praticamente dobrou no período, com ganhos inclusive por ligações com empresas fabricantes de armas, o que explicaria a ânsia bélica do presidente.

O desgaste político de Trump fica evidente ainda com os confrontos que tem buscado, como o mais recente, com o Papa Leão XIV, que evidenciam a sua necessidade de se manter no topo dos noticiários mundo afora. Radicalizar parece ser o caminho natural do presidente americano. É isto, caso se mantenha, certamente terá reflexos mundo afora. E o Brasil será uma das vítimas deste processo. Entre nós, Flávio Bolsonaro, que tem liderado pesquisas, está usando a estratégia de se mostrar menos radical, embora procure se mostrar com acesso fácil a Trump.

Os demais candidatos da direita não escondem o discurso radical semelhante ao do presidente americano. A "esquerda" começa agora, com Lula enfrentando diretamente Trump, a buscar um caminho. Mas as eleições estão chegando.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Da terra Brasilis ao Brasil: 526 anos de vida

Em 22 de abril de 1500, as caravelas portuguesas avistaram terras que, aos olhos europeus, representariam o início de uma nova era. Passados 526 anos da chegada efetiva dos portugueses ao Brasil, a data convida menos à celebração ingênua e mais à reflexão crítica sobre os alicerces históricos que moldaram o país.

Durante muito tempo, o episódio foi narrado como um "descobrimto", termo que hoje se revela limitado e contestável. Afinal, o território já era habitado por milhões de indígenas, com culturas diversas, sistemas sociais complexos e profundo conhecimento do ambiente. Ao ignorar essa realidade, a narrativa tradicional reforçou uma visão eurocêntrica que silenciou vozes originárias e naturalizou processos de dominação.

A chegada portuguesa inaugurou não apenas um intercâmbio cultural, mas também um ciclo de exploração econômica e violência. A colonização trouxe consigo a escravidão de povos africanos, a expropriação de terras indígenas e a imposição de valores externos. Esses processos deixaram marcas profundas que ainda se manifestam nas desigualdades sociais, no racismo estrutural e nos conflitos fundiários con-

temporâneos, além de influenciar políticas públicas e debates sociais até hoje.

No entanto, reduzir a história a um único viés também seria simplificar uma trajetória complexa. Ao longo dos séculos, o Brasil se constituiu a partir de encontros, resistências e ressignificações. Povos indígenas, africanos e europeus contribuíram, cada um à sua maneira, para a formação de uma identidade plural, rica em diversidade cultural.

Relembrar os 526 anos da chegada portuguesa deve, portanto, ir além de datas e símbolos. É uma oportunidade para revisar narrativas, reconhecer injustiças históricas e valorizar aqueles que foram, por tanto tempo, marginalizados. Também implica repensar o papel da educação na construção de uma memória mais inclusiva e crítica.

Mais do que olhar para o passado, trata-se de compreender como ele influencia o presente e orienta as escolhas do futuro. Um país que encara sua história com honestidade tem mais condições de construir uma sociedade justa. Nesse sentido, a data não deve ser apenas um marco histórico, mas um ponto de partida para o diálogo, a reparação e a construção de um Brasil mais consciente de si mesmo.

Opinião do leitor

Brasília, 66 anos

Brasília é igual coração de mãe: sempre cabe mais um. A cidade, dividida entre nativos e pessoas de outros estados, completa 66 anos. Parabéns Brasília, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, sexagenária com um jeito peculiar e poderoso nas decisões do país.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOLPE DE ESTADO FRACASSA NO PARAGUAI. EM HONDURAS, TEM FORÇA

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de abril de 1931 foram: Comunicados oficiais de Lisboa dizem que os rebeldes tomaram a Ilha da Madeira. Partido Radical Socialista publica um ma-

nifesto sobre a necessidade da manutenção desta segunda tentativa de república na Espanha. Fracassa uma tentativa de golpe revolucionário no Paraguai, mas outro pode ganhar êxito, em Honduras.

HÁ 75 ANOS: CCJ DO SENADO APROVA JOÃO CARLOS VITAL PARA SER PREFEITO DO DF

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de abril de 1951 foram: MacArthur tem recepção triunfal em seu retorno aos Estados Unidos. Unesco assina acordo de cooperação científica com o

Brasil, com base no Plano Salte. DNOCS pode recrutar seis mil flagelados para a construção de uma rodovia no Ceará. CCJ do Senado aprova João Carlos Vital para ser prefeito do DF.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.